

Sistema Único de Saúde (SUS) - a expressão de um desejo (parte 1)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

SUS é uma expressão bem anterior ao SUS. Seu significado é bem amplo e, por divina coincidência, coincide com o SUS que hoje conhecemos. Como interjeição que expressa emoção, estímulo, saudação, SUS é um chamado ao ânimo, à coragem... *SUS companheiros! Vamos defender o SUS!...* Outro significado original de SUS é a ideia de *para cima*. O SUS como prefixo latino combina com as controvérsias que o SUS SUScita. SUSpender é um exemplo da controvérsia. Há quem queira suspender o SUS e nós queremos SUSpender os que são contra o SUS. SUSstentar o SUS é nossa palavra de ordem para a luta. SUSpiramos com a emoção de que é impossível SUSstar nossa defesa intransigente do SUS. SUSpiramos pelo SUS. SUSsurramos quando é preciso SUScitar novas paixões por Ele. Afinal o SUS é o SUSpensório da política pública mais inclusiva da cidadania brasileira. Mas precisamos estar prontos para desdobrar a palavra SUSsurrar em SUSs e urrar. Urrar, se preciso for, para defender o SUS e denunciar os SUSpeitos que querem seu fim. SUS também tem um significado animal. SUS é o gênero de mamíferos da família dos suídeos - porcos e javalis -. Não é difícil saber, entre esses, quem somos nós e quem são os que renegam sua identidade. *Javalis do SUS* poderia ser um movimento daqueles que resistem ao seu desmonte, ao seu desfinanciamento e lutam pela sua manutenção e aprimoramento. Registra-se que a primeira vez que a palavra SUS, com o significado de Sistema Único de Saúde, foi falada para um grande público por Sergio Arouca no *I Simpósio sobre Política Nacional de Saúde*, realizado em outubro de 1979, na Câmara dos Deputados. Esse evento foi considerado um marco da luta pela Reforma Sanitária. Pois o SUS é fruto da Reforma Sanitária, em que Sergio Arouca foi um dos seus expoentes. Para lutar pelo SUS e defendê-lo é bom conhecer sua origem, sua história, sua alma, sua doutrina, sua organização e sua base constitucional irrepreensível. É um pouco sobre essas coisas que vamos falar aqui pouco a pouco. Para nós, o SUS consigna a saúde como um direito humano de todos, explícito, irrestrito e generoso como política do Estado brasileiro. Tudo isso, logo após uma ditadura sanguinária que nos oprimiu, corpo e alma, de 1964 a 1985. Começo, em nossa conversa, desdobrando a sigla SUS. E, para isso, é fundamental compreender que a Reforma Sanitária, quando idealizou o novo modelo de saúde brasileiro pensou sempre no antes e depois. Ou seja, tudo o que existia antes NÃO servia para prover o povo brasileiro de saúde como direito. O Movimento Sanitário, como foi chamado o conjunto de militantes aguerridos que tomou nas suas mãos a Reforma Sanitária, apontava para um depois antagônico a tudo o que existia antes. Algo que pudesse ser realmente transformador e, portanto, revolucionário. Buscava-se uma radical mudança de paradigma. Talvez, por isso, a melhor expressão fosse Revolução Sanitária. Ao desmembrar a sigla, de pronto, a palavra Sistema se contrapõe ao que era antes. Ao invés de um sistema havia uma bagunça generalizada, um caos em que, na época se perguntava, por exemplo, de quem era a responsabilidade sobre o mosquito da febre amarela. A saúde seria responsabilidade do município, do estado, da União, de ninguém ou do além? Havia um amontoado de instituições municipais, estaduais, federais, previdenciárias, filantrópicas, privadas que batiam cabeça para afirmar uma realidade: o abandono do povo brasileiro à própria sorte em matéria de saúde. Numa República Federativa em que os entes federativos têm autonomia política da gestão pública da saúde é muita ingenuidade pensar que um prefeito de uma determinada tendência política, num estado de um governador de outra tendência, não disputassem a saúde como moeda eleitoral no mesmo território. O governo federal, com sua própria tendência entrava nessa disputa, inclusive levando na mochila o orçamento da Previdência Social. Nem é preciso dizer sempre ganhava a disputa pela hegemonia de tocador de obras hospitalares e serviços de saúde, junto com seus cupinchas apoiadores da ditadura em seus currais eleitorais. Não à toa, esqueletos de obras hospitalares se multiplicaram pelo país. Até hoje se vê por aí, eu mesmo já vi. Esse é um dos fatores do antes que foram moldando a organização do novo sistema: a unicidade, a regionalização, a pactuação, mas isso é conversa para adiante. Só p'ra ficar mais claro... Olhando para o SUS de antes, a concentração de equipamentos (edificações) de saúde num mesmo território, às vezes se acotovelando, é uma das vergonhas do modelo anterior ao SUS. Aos mais jovens que talvez, não observem, a concentração urbana próxima às classes assalariadas, de hospitais e serviços de saúde propiciava um enorme vazio sanitário no Brasil. Esse antes inspirou o Movimento Sanitário a criar um sistema descentralizado e regionalizado com o SUS. Um cidadão com tuberculose que precisasse se tratar, se morasse a 500 km do local onde existia um serviço adequado, precisava vender a alma p'ra conseguir ser acompanhado adequadamente. E, para isso, precisava pegar o comboio semanal da cidade, "patrocinado" pelo vereador, pelo prefeito, pelo deputado ou qualquer político (todos eternamente reeleitos). A arquitetura do SUS vem tentando acabar com isso, especialmente a partir da instituição da Saúde da Família, embora essa prática nefasta ainda persista em algumas localidades. O SUS está em construção, depende de nós... ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.